

NOTAS E INFORMAÇÕES

A jogada de Biden



Sanção a radicais israelenses é peça do jogo dos Estados Unidos para pôr fim à guerra no Oriente Médio

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, impôs inéditas sanções contra quatro colonos israelenses responsáveis por atos de violência contra palestinos na Cisjordânia. O decreto assinado no

último dia 1.º não atinge diretamente o Estado de Israel – apenas indivíduos. Mas, certamente, pesa como uma cáustica advertência de Washington ao primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, que tem fechado seus olhos a tais agressões e negligenciado seu potencial de desencadear uma nova frente de combates, desta vez na Cisjordânia. Na estratégia do governo Biden para pôr fim ao conflito na Faixa de Gaza e a suas ramificações no Oriente Médio, conter Israel é peça fundamental.

As críticas de Washington contra a expansão dos assentamentos na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental e as agressões a palestinos desferidas por colonos radicais – em geral, fortemente armados – não são novidade. Vinham de muito antes de 7 de outubro passado e foram solenemente desconsideradas pelo governo de Netanyahu, sustentado por ultraortodoxos defensores dessa expansão territorial por Israel. Mas a sanção aos quatro indivíduos – agora com ativos congelados nos EUA e sem acesso a seu sistema financeiro e a seu território – é inusitada. Para Washington, caracterizar a ferida na Cisjordânia, antes que vire uma nova frente de conflito, tem urgência.

Os EUA continuam a anos-luz de abdicar da defesa de Israel. Tampouco flexibilizarão o direito israelense a sua autodefesa, ainda mais depois do bárbaro ataque do Hamas contra civis em Israel em 7 de outubro passado. Mas há entendimento na Casa Branca de que a guerra na Faixa de Gaza está perto de um ponto de

não retorno e desdobrou-se em focos que comprometem a paz em todo o Oriente Médio e a economia internacional. Contrariar Netanyahu é inevitável. Faz parte de um jogo maior de Washington, cujo sucesso depende mais dos regimes árabes do que de Israel.

Nesse sentido, o cessar-fogo na Faixa de Gaza, sob a contrapartida da libertação dos 132 reféns ainda mantidos pelo Hamas, faz parte de uma miríade de conversas que envolvem Israel e lideranças do grupo terrorista. Todas são movidas e acompanhadas pelos EUA. O reconhecimento da Palestina como Estado soberano entrou de forma pragmática na agenda da diplomacia americana no Oriente Médio. O diálogo sobre aprofundamento de alianças de Washington com as nações árabes, sobretudo com a Arábia Saudita, parece prosperar. Nas mãos dos árabes estão as perspectivas de desmonte do Hamas, de uma futura Palestina avessa a ameaças a Israel e de isolamento do Irã, o financiador do terror reinante no Oriente Médio.

Chamada de Doutrina Biden, a estratégia está claramente em execução, em que pese a contrariedade de Netanyahu. Se bem executada e exitosa, pode alcançar o que a máquina de guerra israelense não logrou em quase quatro meses na Faixa de Gaza: a neutralização do Hamas, a libertação dos reféns e o fim de um conflito que já deixou milhares de mortos e uma crise humanitária descomunal. Quem sabe haja horizonte até mesmo para uma paz menos frágil e temporária no Oriente Médio. ●

Eleições em El Salvador

Economia é principal desafio para segundo mandato de Bukele

Para analistas, popularidade com políticas na área de segurança pode não ser suficiente para manter apoio no país

SAN SALVADOR

O presidente de El Salvador, Nayib Bukele, que se autoproclamou reeleito nas eleições de domingo, consolidou um poder absoluto, sem oposição, com sua popularidade construída principalmente por suas políticas na área de segurança. Rumo ao segundo mandato, ele terá agora na economia seu principal desafio, segundo analistas.

Sem oficializar o resultado da eleição até ontem, o Tribunal Supremo Eleitoral (TSE) informou em seu site que Bukele já tinha conquistado 1,98 milhão de votos de um total de 2,3 milhões, o que representa 85,2% dos votos válidos, após a apuração de 70% das urnas.

“Seu segundo governo será problemático porque não foram atendidas as expectativas dos salvadorenhos nem no econômico nem no social. As tendências econômicas não são boas para ele”, disse o economista independente salvadorenho César Villalona.

Bukele é, segundo as pesquisas, o presidente mais popular

EUA reconhecem vitória e parabenizam presidente reeleito

O chefe da diplomacia dos EUA, Antony Blinken, parabenizou ontem Nayib Bukele pela reeleição e disse que seu país continuará priorizando “os direitos humanos” em suas relações. Em comunicado, Blinken diz que “espera trabalhar” com o presidente reeleito.

O diplomata ainda elogiou o trabalho dos observadores eleitorais e qualificou de “sólida a relação com o povo de El Salvador”. ● **AFP**

da América Latina, graças à sua política de repressão às gangues, muito criticada por grupos de direitos humanos. Bukele apoiou todo o seu primeiro mandato em uma conduta de “tolerância zero” contra o crime e promoveu grandes encarceramentos que encontram respaldo popular.

Mas, segundo analistas, isso agora pode não ser suficiente. “A situação da segurança está melhor, mas a economia segue ruim”, disse o analista Michael Shifter, presidente do centro de estudos Inter-American Dialogue, em Washington.

Há reclamações nas ruas. “Quanto à saúde, educação, há

muito o que mudar”, disse Blanca Noemí, vendedora ambulante de 52 anos, em San Salvador.

Segundo Villalona, o lento crescimento econômico e a queda da produção agrícola e industrial não são bons prognósticos. O custo de uma cesta básica – com pão, feijão, carne, ovos e frutas – aumentou 30% nos últimos três anos, enquanto o salário mínimo subiu 20%.

Quase 30% dos salvadorenhos vivem na pobreza e quase um em cada dez na pobreza extrema, segundo dados de 2022 da Comissão Econômica para América Latina (Cepal). Um relatório do Departamento de Estado de 2023 afirmou que cerca de 70% dos trabalhadores estavam na informalidade e sem acesso a benefícios sociais.

“Os problemas do país são muito mais amplos do que a questão da segurança”, disse a diretora regional do Washington Office on Latin America, Ana María Méndez-Dardón.

A saúde fiscal é outra grande preocupação, já que a dívida pública beira 80% do Produto Interno Bruto (PIB), e o país não consegue vender títulos no exterior para arrecadar fundos, ou atrair grandes investimentos, disse Villalona. ● **AFP**

122 mortos

Chile prende dois em Viña del Mar por suposta responsabilidade em incêndios

Agentes de segurança prenderam duas pessoas em Viña del Mar, no Chile, por suposta responsabilidade no início da onda de incêndios florestais que devastou os arredores da cidade e na região de Valparaíso, causando 122 mortes e milhares de feridos. Eles foram presos depois que um toque de recolher foi declarado no domingo e após terem sido vistos de um helicóptero nas proximidades do Jardim Botânico, que foi completamente destruído. ●



RODRIGO GARRIDO/REUTERS

Onda de incêndios florestais destruiu comunidades em Valparaíso

Guerra no Oriente Médio

Na 5ª visita à região desde outubro, Blinken tenta mediar trégua entre Israel e Hamas

O chefe da diplomacia dos EUA, Antony Blinken, chegou à Arábia Saudita ontem para uma nova passagem pelo Oriente Médio em busca de uma trégua na guerra entre Israel e Hamas, que mantém intensos combates no sul da Faixa de Gaza. Na sua quinta viagem à região desde o início da guerra, em 7 de outubro, ele visita Riad e, depois, seguirá para Israel, Egito e Catar. Ele pretende abordar uma proposta de trégua elaborada em janeiro pelas autoridades dos EUA e desses três países, reunidas em Paris. ●



MARK SCHTEFEL/BEINAP

Resposta aos EUA

Ataque a base americana na Síria por milícia pró-Irã mata 7 combatentes curdos

Sete combatentes das Forças Democráticas Sírias, uma milícia liderada por curdos, morreram ontem em um ataque contra uma base americana no leste da Síria. Aliança de grupos pró-Irã, a Resistência Islâmica no Iraque reivindicou autoria. ●